

Apresentação do Dossiê

O otimismo de finais do século XX e a crença de que a democracia seria capaz de resolver os problemas da humanidade começaram a ser postos em xeque com a crise do mercado de capitais de 2007-2008. O impacto da crise foi sentido de diferentes formas e em diferentes velocidades em cada país. Mas, seja um pouco antes, seja um pouco depois, as consequências se manifestaram e tiveram seu impacto na esfera pública.

Um destes impactos foi o crescimento de grupos e propostas de extrema direita e direita radical, às vezes antissistema. O avanço desses grupos, entendido como o aumento de apoio dos cidadãos que se traduz em votos e a maior influência política e social dessas organizações, é um fenômeno global complexo, que se manifesta em diferentes regiões do mundo em diferentes graus e intensidades. É um avanço inquietante porque se interpreta como um debilitamento da democracia e como ameaça de um retrocesso das conquistas sociais alcançadas durante longo tempo. Uma contestação reacionária ao conceito de progresso que até ontem parecia hegemônico.

São exemplos desse movimento que dá a volta ao mundo a vitória do Brexit, o triunfo eleitoral de Donald Trump nos Estados Unidos, de Rodrigo Duterte nas Filipinas e de Jair Bolsonaro no Brasil, a chegada ao poder de Victor Orban na Hungria, de Narendra Modi na Índia, e do PIS na Polônia. Por outro lado, deve-se mencionar também o aumento do apoio eleitoral a partidos que antes estiveram à margem do sistema, como os True Finish na Finlândia, a Alternative für Deutschland na Alemanha, o Rassemblament National na França e a Aurora Dourada na Grécia.

Dentro do contexto desse avanço na Europa, América Latina e no mundo, nos encontramos com as recentes surpresas dos casos de Brasil e Espanha. No Brasil o Partido Social Liberal (PSL), um partido até então insignificante, ganhou as eleições presidenciais em 2018 com um amplo apoio eleitoral, com um discurso extremista, anticomunista e ultraconservador, diante da estupefação da comunidade internacional e da perplexidade de não poucos brasileiros. Na Espanha, mesmo alcançando muito menos apoio sob a sigla do Vox, de um dia para o outro e partindo quase do nada, esses movimentos conseguiram ter presença em 2019 em todo tipo de órgãos de representação política: Congresso dos Deputados, Parlamento Europeu, comunidades autônomas e prefeituras, sendo, além do mais, sua presença necessária para formar governos. E tudo isso mediante um discurso eleitoral não menos provocativo que o de Jair Bolsonaro, e ante a incredulidade de muitos espanhóis.

O que está acontecendo para que o sufrágio tenha essa transformação? De onde saem esses apoios? A que novos cenários políticos e sociais estamos nos

encaminhando? Responder a essas questões foi o objetivo da proposta deste dossiê desde as diversas perspectivas analíticas e concentrados nos casos de Espanha e Brasil, mas sem perder de vista a perspectiva de seus enclaves geopolíticos, ou seja, América Latina e a União Europeia. Pretendeu-se entender que esses casos particulares, com suas especificidades e endemismos, estão imersos em processos mais gerais que se produzem na Europa e na América Latina, e em geral no mundo globalizado. Como parte de um processo de cooperação entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul e a Universidad Complutense de Madrid e colocando em prática um convênio firmado em 2018, foi proposta a publicação do dossiê nas revistas de Ciência Política de ambas as universidades, nas respectivas línguas. Assim, estes artigos foram publicados em *Política y Sociedad* em dezembro de 2020 em espanhol e são agora publicados em português na *Debates*.

Um dos eixos explicativos dos apoios que esses partidos estão recebendo na Europa e América Latina está na evolução dos valores. Essa perspectiva é abordada em diversos artigos. O autoritarismo, o populismo e o apoio aos partidos de direita radical avançam em ambos os continentes. O mais preocupante é o aumento desses fenômenos entre os jovens, pois, de acordo com as teorias de mudança dos valores, isso poderia ser um indício de tendência de mudança intergeracional, um ponto de inflexão das tendências da chamada “revolução silenciosa” (INGLEHART, 1977¹; INGLEHART e WELZEL, 2005²). No entanto, em sua totalidade, a sociedade segue avançando alinhada com as tendências de mudança cultural observadas há décadas, as quais nos afastam dos valores tradicionais. Essas tendências de mudança se estenderam tanto que conformam, na atualidade, os valores dominantes ou majoritários dos países das economias mais desenvolvidas. Mas os valores tradicionais, mesmo em retrocesso, ainda se mantêm. Segundo propuseram Pippa, Norris e Ronald Inglehart, o que explicaria o avanço do autoritarismo e populismo de direita seria um efeito de *cultural backlash*; uma reação conservadora ante o avanço e a expansão dos valores sociais liberais, os quais são percebidos como uma ameaça às formas tradicionais de viver e de entender o mundo (NORRIS e INGLEHART, 2019³).

¹ INGLEHART, Ronald. *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton: Princeton University Press, 1977.

² INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. *Modernization, cultural change, and democracy: the human development sequence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

³ NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. *Cultural backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

No plano social ou moral, a reação conservadora se opõe a um conjunto de valores que, embora historicamente impulsionados pela esquerda, alcançaram elevado grau de consenso social, ao ponto de que em muitos países são valores dominantes que transcenderam o plano ideológico. É o caso do feminismo. A reivindicação da igualdade de gênero converteu-se em uma aspiração dominante, cuja atitude e discurso (não tanto a práxis) é compartilhado por amplas maiorias da população. Assim, é especialmente chamativo e desconcertante o antifeminismo dos partidos de extrema direita, por sua emergência a contracorrente e por sua condição de contratendência. O antifeminismo está presente em atitudes e comportamentos machistas, na defesa de um modelo de família patriarcal e na condenação do que denominam “ideologia de gênero”, visto como responsável por um ataque aos valores tradicionais – visão esta que se encontra tanto no discurso de Bolsonaro como em Vox e compartilhada por outros grupos tanto da direita cristã nos Estados Unidos como na Polônia ou Hungria. Essa questão transversal aparece e é abordada em diversos artigos.

Em estreita relação com os valores está a religião, uma das clivagens tradicionais da análise sociopolítica (LIPSET e ROKKAM, 1967⁴), e também uma questão transversal abordada em diversos artigos. Especialmente na América Latina, os movimentos evangélicos em geral e neopentecostais em particular desempenham um papel crescente em relação à configuração das orientações políticas conservadoras dos cidadãos. Na Europa, os valores religiosos, como valores tradicionais, costumam estar correlacionados com os mantidos pelos que apoiam os partidos de direita radical. Entretanto, o papel da religião no crescimento do Vox é menos evidente por efeito do amplo contingente juvenil que o apoiou nas eleições gerais de novembro de 2019. Os jovens espanhóis, também os que votam no Vox, já não se socializaram majoritariamente na religião católica, ou o fizeram de forma fraca; um efeito do forte processo de secularização vivido nas últimas décadas na Espanha.

Dados recentes do World Values Survey permitem concluir que o resultado das eleições passadas no Brasil é fruto de uma cultura política híbrida, autoritária e conservadora, apesar do apoio geral e superficial à democracia. Os resultados se explicam pela grande fragilidade da democracia no Brasil. No caso espanhol, a irrupção da direita radical na cena política não parece estar associada a uma democracia débil, já que, tanto em termos programáticos como nos valores dos

⁴ LIPSET, Seymour Martin; ROKKAN, Stein (Eds.). *Party systems and voter alignments: Cross-national perspectives*. New York Free Press, 1967.

próprios eleitores, a democracia não está questionada, embora essa emergência autoritária suponha, sem dúvidas, um sinal de alerta e incerteza.

Também nos preocupamos pelos efeitos da emergência da extrema direita. Quando esta chega ao poder, como aconteceu no Brasil, se modifica radicalmente a agenda política, com o consequente retrocesso de direitos e liberdades, cortes orçamentários etc., mas quando não chega ao poder, tem seu impacto no sistema de partidos e na sua capacidade de influenciar as agendas políticas mediante coalizões. Também acolhemos esta perspectiva.

Para explicar o caso específico do Brasil, seguimos duas grandes linhas argumentativas. Uma primeira é dada por uma explicação que também poderia ser aplicada ao caso espanhol e ao de outros países latino-americanos e europeus. A hipótese de que a chegada da extrema direita ao governo não é uma excepcionalidade, mas um passo a mais dentro de uma trajetória que vem de longe e que continua ao longo de todo o século XX até os dias de hoje. O artigo “Nova direita ou vinho velho em odres novos? A trajetória conservadora no Brasil do último século” apresenta as principais correntes do pensamento conservador no último século e sua representação política em termos de presença eleitoral, lideranças e elites dirigentes. O artigo revela que, desde os anos trinta do século passado, grupos de conservadores e autoritários estiveram presentes na política brasileira, representados em partidos ou no Congresso Nacional. Fizeram parte de governos e elites econômicas e sociais que nunca se afastaram da política, o que resultou em um fator decisivo da vitória de Bolsonaro. Para entender como os valores conservadores e a religião são parte da explicação da vitória de Bolsonaro, se discute a evolução da cultura do pensamento político deste país, para demonstrar que esse triunfo conservador é uma continuidade do passado, quando a Igreja católica era um de seus fundamentos, e mesmo que esta tenha mudado depois do Concílio Vaticano II e da Teologia da Libertação, foi ampliada nos últimos anos pelo crescimento do neopentecostalismo, cuja atuação durante a campanha eleitoral teve um protagonismo destacado. Seu forte crescimento supõe que hoje os evangélicos de diferentes confissões sejam quase um terço da população do país. Precisamente, o discurso de identidade teve um papel importante que favoreceu a aliança entre o conservadorismo político-ideológico e o religioso. O comportamento racista e misógino do presidente e muitas de suas propostas contra os direitos das mulheres, dos afrodescendentes e do público LGBT, assim como a defesa da intervenção dos militares na política, não apenas encontram apoio nos valores e atitudes da população, mas tem raízes em uma tradição antiga.

Outra das perspectivas abordadas para o estudo do caso do Brasil é a análise dos valores desde a análise dos dados mais recentes do World Values Survey. Esse é o

ponto argumentativo do artigo: “Uma democracia frágil e sem valores democráticos: o Brasil no século XXI”. A análise coincide com a anterior ao focar a debilidade da democracia, e explica que o resultado das eleições passadas é fruto de uma cultura política híbrida, autoritária e conservadora apesar de um apoio geral e superficial à democracia. Neste sentido, essa cultura política contribuiu ao desenvolvimento de uma “democracia inercial” (BAQUERO, 2018⁵) que se sustenta em formas, mas não em valores democráticos. A democracia no Brasil é, nas suas origens, um fenômeno importado: as pessoas se acostumaram aos ritos formais – eleições, instituições etc. –, mas não valorizam sua essência. Da mesma maneira, o fenômeno da “nostalgia da ditadura” está presente e pode ajudar a reforçar o ataque à frágil e instável democracia no Brasil, como se viu nas posições do governo de Bolsonaro e seus partidários. Nesse sentido, as opiniões predominantes entre os brasileiros são de tão pouco apreço pela democracia, que ela apenas recebe um apoio difuso e fragmentado. Quando são perguntados diretamente se defendem a democracia, a resposta quase unânime é afirmativa. Não obstante, quando se aprofunda a análise quantitativa e qualitativa dos dados, vê-se que esse apreço é mais discursivo que real. Existem várias explicações para essa postura paradoxal, sendo a principal de caráter endógeno (cultura política híbrida e autoritária).

Para analisar o caso espanhol, uma das propostas, “As causas do apoio eleitoral a Vox na Espanha”, propõe perguntar quem e por que se apoia esse partido e quais as semelhanças e diferenças com outros eleitores da direita. O artigo aborda questões endêmicas, como o independentismo catalão e a cadeia de acontecimentos vinculados ao avanço na intenção de voto. O que se encontra é que o eleitor de Vox compartilha muitas das características dos populismos de direita na Europa, com a diferença principal de que na Espanha o detonador de sua emergência é o independentismo catalão, que produz uma forte identidade nacionalista espanhola junto com a percepção de que se foi muito longe na demanda de autonomia com o atual sistema de organização territorial do Estado e uma demanda de centralismo. Entretanto, as demandas e sensibilidades e o perfil dos eleitores não são exclusivas desse partido, mas são compartilhadas com os eleitores de outros partidos espanhóis de direita, embora suas sensibilidades se mostrem mais acentuadas e radicais. O que principalmente os diferencia é, nesta ordem: idade (juventude), mais autoritarismo, mais preocupação com a imigração e uma pontuação mais alta na escala esquerda-direita. Entre as variáveis que explicam o voto em Vox nas eleições gerais de 20 de

⁵ BAQUERO, Marcello. *Democracia Inercial: Assimetrias entre Economia e Cultura Política na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

novembro de 2019, encontramos em primeiro lugar a maior pontuação na escala esquerda-direita. Em um segundo plano de importância, aparecem a preocupação pela independência da Catalunha, sua menor idade e seu maior autoritarismo. Em um terceiro plano de importância, aparecem outras razões do voto: visão negativa e frequentemente xenofóbica da imigração, ser homem (devido ao antifeminismo em seu discurso, este não está captando suficientemente o voto das mulheres conservadoras, as quais se voltam ao PP), ter um sentimento e identidade nacionalista espanhola, o pessimismo frente à situação política e econômica e o descontentamento pela saída dos restos mortais de Franco do Valle de los Caídos.

Uma segunda perspectiva é a da proposta “A direita espanhola dividida: posições ideológicas e clivagem territorial”. O artigo põe ênfase em explicar as consequências e os possíveis efeitos da irrupção de Vox no contexto de fragmentação que experimentou o sistema partidário espanhol. Trata-se de explorar as consequências e as dinâmicas de competição e colaboração que começaram a se abrir no novo cenário político, assim como as possibilidades e também limitações da atuação de Vox. O final de uma situação de domínio e alternância dos dois grandes partidos desde o final da transição ocorre com a emergência de dois partidos novos, Ciudadanos e Vox. No entanto, a fragmentação da direita espanhola não é um fenômeno novo, dado que sempre existiram diferenças marcantes entre suas diferentes correntes. Essas correntes ficam representadas agora pelo pluralismo conservador do PP, o liberalismo do Ciudadanos e o populismo de Vox. Diferentemente das divisões e enfrentamentos que caracterizaram historicamente a direita na Espanha, atualmente existem claros elementos de aproximação entre os três partidos políticos, os quais tornam possível a colaboração e pactos entre o bloco de direita, tanto em conteúdos programáticos como no perfil dos eleitores. Neste ponto, esse artigo e o anterior concordam em apontar que as características de Vox são em parte comuns às de outros partidos de direita. Mesmo quando aquilo que é compartilhado tem mais peso, também existem âmbitos de diferenciação que mobilizam a competição eleitoral entre eles, entrando em uma dinâmica inédita desde a democracia espanhola. A análise dos espaços ideológicos com os dados de opinião pública mostra as diferenças no perfil ideológico dos partidos, embora exista uma clara proximidade entre os três examinados. Além do mais, mostra-se que o PP estaria em uma posição de maior risco ao compartilhar eleitores com Ciudadanos e Vox ao mesmo tempo. Em terceiro lugar, essa competição entre os partidos é também evidente em suas posições a respeito da clivagem territorial. Embora os três sejam críticos de determinados aspectos do Estado das autonomias, Vox opta por um Estado unitário, frente a uma posição mais matizada do PP e C’s.

Após o estudo do sistema de partidos no caso espanhol, nos pareceu necessário fazer uma reflexão dessa temática desde uma perspectiva europeia comparada. Isso é abordado na proposta “O avanço eleitoral da extrema direita no século XXI e seus efeitos nos sistemas de partidos europeus”. Trata-se, nessa ocasião, de explicar as mudanças nas democracias europeias como consequência do auge eleitoral das organizações de extrema direita. A perspectiva de análise é o comparativismo clássico, cujo enfoque é analisar as mudanças dos sistemas de partidos sob a premissa de que sua fragmentação e polarização podem levar a uma mudança de formato e da interação dos partidos (MAIR, 2011⁶). Uma das conclusões é que o apoio crescente a esses partidos de extrema direita na Europa incrementa efetivamente a fragmentação do sistema de partidos e acentua o multipartidarismo, gerando diferentes dinâmicas. Também se acentua a competição partidária no eixo esquerda-direita. Esse auge teve o efeito de produzir um realinhamento do eleitorado, particularmente no bloco de centro-direita. Embora não exista uma pauta homogênea no desenvolvimento dos partidos de extrema direita europeus no século XXI, houve sim um aumento do pluralismo em geral e da competição no eixo esquerda-direita, o que, na maior parte dos casos, produziu um realinhamento do eleitorado de tipo secular. Em alguns casos, há uma elevada fragmentação e polarização, sem que isso seja necessariamente um obstáculo para a governabilidade dos países, e, por último, existe uma tendência geral de confluência ideológica desses partidos na moderação programática com o objetivo de ampliar sua base eleitoral. O aumento do voto em partidos de extrema direita tem dificultado a formação de governos em diferentes países, como Espanha e Bélgica, ou tem criado a necessidade de grandes coalizões com partidos ideologicamente diferentes, como na Alemanha, o que tem consequências para a democracia no longo prazo. No caso do Vox, há uma contribuição importante para a fragmentação do bloco da direita, um aumento da competição no eixo esquerda-direita com um realinhamento do eleitorado que ainda está ocorrendo e que tem colocado dificuldade para a formação de governos. Sua presença na formação de governos de direita está contribuindo para modificar agendas políticas.

Este número da *Revista Debates* é completado por três artigos livres. Em “O conceito de ‘povo’ no contexto da interculturalidade e da heterogeneidade social”, o autor problematiza o uso de um dos conceitos mais explorados na Ciência Política e seus significados atuais. Já “Facciones cruzadas: acuerdos y disputas partidarias en los

⁶ MAIR, Peter. Party System Change. In: KATZ, Richard S.; CROTTY, William (Eds.). *Handbook of Party Politics*. Londres: Sage, 2011. p. 63-74.

nombramientos de jueces de la Corte Suprema de Justicia de la provincia de Santa Fe, Argentina (1983-2011)” nos traz o debate sobre a politização do Poder Judiciário na Argentina, discutindo os bastidores do processo de composição dos tribunais em uma província desse país. Por fim, “As lutas pelo passado em âmbito local: reflexões a partir do caso de Porto Alegre” analisa, a partir de um caso concreto, as disputas pela constituição da memória do período autoritário pós 1964 no Brasil.

Os Organizadoras do Dossiê:

Millán Arroyo Menéndez

(Universidad Complutense de Madrid/Espanha)

Rodrigo Stumpf González

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Brasil)